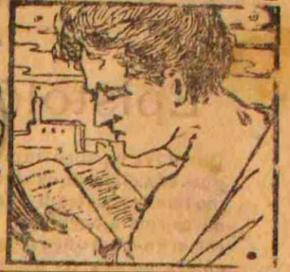




A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Peretra

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez 405 (50 reis); Semestre 230 (300 reis); Um ano 360 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Naciel Barbosa

Numero avulso 301 (10 reis)
Comp. e Imp. na Typografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone, 737

Anarquistas esquecidos dos seus principios

Com risco de passar por simplo, confesso que nunca teria julgado possível que socialistas—mesmo socialistas democratas—havia de aplaudir uma guerra como a que actualmente deavista a Europa e de nela tomar parte voluntariamente, quer do lado dos alemães, quer dos aliados. Mas que dizer quando o mesmo é feito por anarquistas—não numerosos, é certo, mas tendo entre elles camaradas que muito amamos e respeitamos?

Diz-se que a presente situação mostra a bancarrota das nossas fórmulas—isto é, dos nossos principios—e que será necessário revê-las. De um modo geral, uma fórmula deve ser revista sempre que se revela insufficiente a entrar em contacto com os factos; mas hoje não se dá esse caso, não sendo a bancarrota derivada da incapacidade das nossas fórmulas, mas do facto de terem sido estas esquecidas e traçadas.

Voltemos aos nossos principios.

Eu não sou «pacifista». Combatto, como todos nós fazemos, pelo triunfo da paz e da fraternidade entre todos os seres humanos; mas sei que o desejo de não batalhar só se pode realizar quando é sentido por ambos os lados, e que, enquanto houver homens dispostos a violar as liberdades de outros, força é a esses outros defendem-se, se não querem ser eternamente batidos; e também sei que o ataque é a miude o melhor ou único meio eficaz de defesa. Além disso, penso que os oprimidos estão sempre em estado de legítima, defesa e tem sempre o direito de atacar os opressores. Admito, portanto que há guerras necessárias, guerras santas; e essas são guerras de libertação, como são em geral as «guerras civis»—isto é as revoluções. Mas que tem a presente guerra de comum com a emancipação humana, que é a nossa causa?

Hoje ouvimos socialistas falarem, como qualquer burguez, da «França», da «Alemanha», e de outras aglomerações políticas e nacionais—resultado de lutas históricas—como de unidades etno-genéticas homogêneas, tendo cada uma os seus interesses próprios, as suas aspirações e a sua missão em opposição aos interesses, aspirações e missão de unidades rivais. Isto pode ser relativamente verdadeiro, enquanto os oprimidos, e principalmente os trabalhadores, não tem consciencia própria, não reconhecem a injustiça da sua situação inferior e se tornam dóceis instrumentos dos opressores. Só se conta, então a classe dominante; e esta classe, em razão do seu desejo de conservar e alargar o seu poder, e mesmo os seus prejuizos e o seus próprios ideais, pode achar conveniente excitar as ambições e ódios de raça, e mandar a sua nação, o seu rebanho, contra países «estrangeiros», afim de os libertar dos seus actuais opressores e de os submeter ao seu próprio dominio político e económico.

Mas a missão dos que, como nós, desejam o fim de toda a opressão e exploração do homem pelo homem, é despertarem uma consciencia do antagonismo de interesses entre dominadores e dominados, entre trabalhadores e exploradores, e desenvolverem a luta de classes dentro de cada país e a solidariedade entre todos os trabalhadores através das fronteiras, assim como a luta contra qualquer preconceito e paixão de raça ou de nacionalidade.

E foi o que sempre fizemos.

Sempre pregámos que os trabalhadores de todos os países são irmãos e que o inimigo—o «estrangeiro»—é o explorador, quer tenha nascido perto de nós quer num país distante, quer fale a mesma lingua quer outra qualquer. Sempre escollimos os nossos amigos, os nossos companheiros de armas, assim como os nossos inimigos, por causa das ideas que professam e da posição que occupam na luta social, e nunca por motivos de raça ou nacionalidade. Sempre combatemos o patriotismo, que é uma sobrevivência do passado e serve bem os interesses dos opressores; e orgulhámos-nos de ser internacionalistas, não sómente em palavras, mas pelos profundos sentimentos da nossa alma.

E agora que as mais atrozes consequências da dominação capitalista e estatal deviam indicar mesmo aos cegos, que tinhamos razão, a maioria dos socialistas e muitos anarquistas dos países beligerantes associam-se aos governos e burguezias das suas respectivas nações, olvidando o socialismo, a luta de classe, a fraternidade internacional e o resto. Que trambolhão!

E' possível que os actuais acontecimentos tenham mostrado que os sentimentos nacionalistas estão mais vivos e os de confraternização internacional menos arraigados do que julgávamos, mas isso devia ser mais uma razão para intensificar, não abandonar, a nossa propaganda antipatriótica. Esses acontecimentos mostram também que em França, por exemplo, o sentimento religioso é mais forte e os papas tem maior influencia do que supúnhamos. E' isso uma razão para nos convertermos ao catolicismo romano?

Compreendo que podem surgir circunstâncias que tornem necessária a cooperação de todos para o bem-estar geral; por exemplo, uma epidemia, um terramoto, uma invasão de bárbaros, que matam e destroem tudo o que encontram. Em tal caso, a luta de classe e as diferenças de posição social devem ser esquecidas, devendo fazer-se causa comum contra o perigo comum; mas com a condição de serem as diferenças esquecidas de parte a parte. Se há alguém na cadeia durante um terramoto, correndo perigo de ser esmagado e morto, o nosso dever é salvámos toda a gente, mesmo os carcereiros—com a condição de começarem os carcereiros por abrir as portas da prisão.

Mas se os carcereiros tomam todas as precauções para impedir a evasão dos presos durante e após a catástrofe, então o dever dos presos para consigo e para com os companheiros de cárcere é deixarem os carcereiros em talas e aproveitarem a occasião para escapar.

Se, quando os soldados estrangeiros invadem o solo sagrado da Pátria, as classes privilegiadas renunciarem aos seus privilégios e procedessem de modo que a «Pátria» se tornasse realmente propriedade comum de todos os habitantes, seria então justo combatem todos contra os invasores. Mas se os reis querem continuar sendo reis, se os proprietários desejam cuidar das suas terras e das suas casas e se os comerciantes pretendem guardar as suas mercadorias e até vendê-las mais caro, então os trabalhadores, os socialistas e anarquistas, devem deixar que se arranjam, pondo-se eles á espreita dum oportunidade para se livrarem dos opressores

do interior, assim como dos que venham do exterior.

Em todas as circunstâncias, o dever dos socialistas e especialmente dos anarquistas é fazermos tudo o que possa enfraquecer o Estado e a classe capitalista e tomarmos como guia único da sua conduta os inte desses do socialismo; ou, se se vêem materialmente impotentes para agir eficazmente em favor da sua causa, recusarem pelo menos qualquer auxilio voluntário á causa do inimigo e apartarem-se para salvar ao menos os seus principios—o que significa salvar o futuro.

Tudo o que acabo de dizer é teoria e é talvez aceito, em teoria, pela maioria dos que, na pratica, fazem justamente o contrario. Como, pois, aplicar isto á situação presente? Que devíamos fazer, que devíamos desejar, no interesse da nossa causa?

Diz-se, deste lado do Reno, que a victoria dos aliados seria o fim do militarismo, o triunfo da civilização, da justiça internacional, etc. O mesmo se diz do outro lado da fronteira quanto a uma vitória alemã.

Pessoalmente, julgando como merece o «cão raivoso» de Berlim e o «velho enforcador» de Viena, não tenho maior confiança no tsar sangrento, nem nos diplomatas ingleses que oprimem a India, tráfaram a Pérsia, esmagaram as republicas bures; nem na burguezia francesa, que trucidou os marroquinos; nem nos governantes belgas, que permitiram ao etnocidaes do Congo e tiraram delles largo proveito—e só recordo alguns dos seus crimes, tomados ao acaso, sem mencionar o que todos os governos e classes capitalistas fazem contra os trabalhadores e rebeldes dentro de seus próprios países. Na minha opinião, a vitória da Alemanha significaria certamente o triunfo do militarismo e da reacção; mas o triunfo dos aliados significaria uma dominação anglo-russa (isto é, kauto capitalista) na Europa e na Asia, o serviço militar obrigatório e o desenvolvimento do espirito militarista na Inglaterra, e em França uma reacção clerical e talvez monarchica.

Damais, a meu ver, o mais provável é que não haja vitória definitiva de qualquer lado. Após uma longa guerra, uma enorme perda de vidas e riquezas, exaustas ambas as partes, pactuar-se há uma paz qualquer, deixando todas as questões abertas, preparando assim uma nova guerra mais mortífera do que a actual.

A única esperanza é a revolução; e como entendo que é da Alemanha vencida que com todas as probabilidades, devido ao presente estado de coisas, irromperia a revolução, por essa razão—e só por essa razão—é que eu desejo a derrota da Alemanha.

Posso, naturalmente, enganarme ao apreciar a situação. Mas o que me parece elemental e fundamental para todos os socialistas (anarquistas ou outros) é que é preciso conservarmos livres de toda e qualquer espécie de compromissos com os governos e classes dirigentes, de modo que possamos aproveitar qualquer ensejo que porventura se proporcione e, em todo caso, recomeçar e continuar a nossa propaganda e preparações revolucionárias.

E. MALATESTA

(Do último numero de *Freedom*, de Londres).

O CASO LEOTE DO REGO

Os nossos leitores sabem de certo do que se trata, pois que os jornais diários tem-se occupado ultimamente de este curioso caso com bastante insistencia. No entanto não faz mal relembra-lo, sobretudo por causa daqueles que tem o higiénico costume de não ler a grande imprensa.

Eis o caso: O capitão tenente da armada Leote do Rego criticou nuns artigos publicados na «Montanha» uma ordem do ministro da marinha. E como os regulamentos militares proíbem que qualquer subordinado critique os actos dos seus superiores, o ministro, agarrando-se á letra da lei, castigou o indisciplinado official com alguns dias de prisão.

Não nos regosijamos com semelhante castigo. Consideramo-lo como um atentado contra o direito á livre expressão do pensamento, contra o direito de livre critica que reclamamos tanto para nós como para os nossos adversários. Apesar de Leote do Rego ser inimigo feroz das ideias que defendemos e dos processos de luta que adoptamos, protestamos contra a perseguição de que tem sido vítima por parte do seu superior hiérárquico e reclamamos, para elle também, o direito de expor livremente as suas opiniões por mais diversas que sejam das nossas.

Mas o que de modo algum podemos tolerar são os protestos de Leote do Rego e dos seus correligionários.

Leote do Rego não foi arrastado á força para a caserna, como tantos dos nossos camaradas que lá vão porque a isso são obrigados, e que o fazem contra a sua vontade. Não. Ele escolheu livremente aquela profissão e fez dela um modo de vida. Com a espada, as dragonas, o soldo, as viajatas, a pensão á familia em caso de morte, juntamente com as regalias daquella vida parasitária, aceitou ele as contrariedades inherentes ao cargo—a disciplina e os regulamentos militares, a obrigações de obedeecer cegamente, servilmente, ás ordens dos superiores, todo esse amontoado de imposições vergonhosas e ultrajantes para a dignidade individual que constituem o código militar. E Leote do Rego aceitou tudo isto voluntaria e conscientemente. Vendeu a sua liberdade de homem, o seu direito de critica, pelo metal sonante dos escudos do soldo.

Com que direito, com que autoridade moral, aparece então a protestar contra o castigo que lhe inflingiu o ministro? Não é porventura esse castigo uma consequência lógica da disciplina militar que ele aceitou e que defende por toda a parte como necessária?

Egal incoerencia praticam os seus correligionários quando veem a publico protestar contra a perseguição de que, dizem, Leote do Rego vem sendo vítima. Esta gente—composta quasi exclusivamente de republicanos democráticos—reclamará amanhã a foz para o primeiro militar que tivesse a ousadia de criticar em publico uma ordem dos seus superiores e se declarasse contrario á idea da mobilização—força que eles já hoje reclamam mesmo contra os civis que a tal se atrevem; mas protestam indignados agora que o castigado é lá dos da grei e comunga nos mesmos principios!

Todos estes cavalheiros defendem a necessidade dos exércitos e acham que a disciplina é condição indispensavel da sua existencia e regular funcionamento; quando o cutêlo afiado dessa disciplina fere adversários, ou se

refugiam no cómodo silencio da indiferença, ou fazem acédas considerações sobre os sagrados principios da Ordem e do respeito pelos superiores, sem os quais, dizem eles, seria impossível a vida em sociedade. Quando Afonso Costa—chefe lá do bando—praticava contra as organizações operárias e a imprensa oposicionista as maiores violencias e ilegalidades, eles batiam palmas, achavam pouco; e pela pútrida cloaca da sua imprensa partidária pediam pulso firme, ausencia de piedade para com os adversários—inimigos da pátria e da republica! Logo porém que um dos seus foi alfinetado com a bagateira de dois ou tres dias de prisão, suavizados ainda assim com as honras e comodidades devidas a um official superior, eis que se levantam indignados a protestar contra a tirania ministerial, a falar de livre critica e liberdade de pensamento!

E' por isso que nós, coerentes com os principios que sempre temos defendido, protestamos contra o castigo inflingido ao capitão-tenente Leote do Rego e entendemos que toda a gente tem o direito de expor livremente as suas opiniões, por mais disparatadas que nos pareçam, por mais antigónicas que sejam com as que defendemos. E somos os unicos que temos autoridade moral para o fazer, porque temos mantido esta linha de conducta em todos os actos da nossa vida. Lutamos, agora como sempre, contra a tirania e a opressão, sem distinguirmos entre tiranos e opressores, sem procurarmos saber se os tiranizados e oprimidos são nossos amigos ou adversários.

Mas protestamos sósninhos. Não influiremos de modo algum ao lado desses livres-pensadores dum bando só que apenas se lembram que existe a tirania quando ela lhe roça ao de leve pela porta do alcoice. Para essa súcia de incoerentes e desclassificados e nos so mais soberano desproso.

Federação Anarquista da Região do Norte

Convidam-se todos os grupos que estão federados a enviarem delegados para uma reunião á qual se torna indispensavel a presença de todos.

A reunião é amanhã, segunda-feira, na Rua Formosa 242-2.º pelas 20 horas.

A campanha do «Século»

Lembram-se os leitores da maneira furiosa com que o «Século» vinha reclamando repressões ao actual governo? Era um pavôr! Em cada numero da gazeta se lembrava, com notavel insistencia, ao presidente do ministerio a necessidade de reprimir severamente os excessos de linguagem empregados por certa imprensa. E o presidente do ministerio, depois de muito pensar, resolveu-se a aceitar os conselhos que constantemente lhe davam, e... começou por ameaçar de suspensão o proprio «Século» se não mudasse de linguagem e attitude.

Parece que o «Século» devia ter ficado satisfetissimo com o facto do governo proceder, enfim, de harmonia com os processos por elle aconselhados... Pois senhores, o «Século» em vez de se regosijar, foi aos arames com a brincadeira.

Mas então em que ficamos? O «Século» continua ou não a aconsellar a repressão?